



ENSAIO SOBRE A HISTORICIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

ALBERTO LUIZ SCHNEIDER
(sócio titular do IHGSP)

Às vezes os homens sonham com pureza, fixidez e permanência, e a nossa humana condição nos devolve mistura, mudança e movimento. O destino de todas as coisas é já não ser, pois nada está imune à corrosão do tempo, que faz e desfaz. Nossa própria língua – que foi a de Camões, Vieira e Machado de Assis e outros milhões que viveram anônimos e padeceram em português – é a encarnação viva do tempo e das mestiçagens que nos constituem. Jorge Luis Borges, em poema de 1960, dedicado a Camões, foi capaz de apreender o tempo da língua:

A Luis de Camões

*Sem lástima e sem ira o tempo vela
As heroicas espadas. Pobre e triste
Em tua pátria nostálgica te viste,
Oh capitão, para enterrar-te nela*

*E com ela. No mágico deserto
A flor de Portugal tinha perdido
E o áspero espanhol, antes vencido,
Ameaçava o seu costado aberto.*

*Quero saber se alguém dessa ribeira
Última compreendeste humildemente
Que tudo o que se foi, o Ocidente*

*E o Oriente, a espada e a bandeira,
Perduraria (alheio a toda a humana
mudança) na tua Eneida Lusitana.*

A Luis de Camoens

*Sin lástima y sin ira el tiempo mella
las heroicas espadas. Pobre y triste
a tu patria nostálgica volviste,
oh capitán, para morir en ella*

*y con ella. En el mágico desierto
la flor de Portugal se había perdido
y el áspero español, antes vencido,
amenazaba su costado abierto.*

*Quiero saber si aquende la ribera
última comprendiste humildemente
que todo lo perdido, el Occidente*

*y el Oriente, el acero y la bandera,
perduraría, (ajeno a toda humana
mutación) en tu Eneida lusitana.**

BORGES, Jorge Luis. “A Luis de Camões”. In *Quase Borges: 20 poemas e uma entrevista*. Traduções de Augusto de Campos. São Paulo: Terracota, 2013

A língua de Camões se espalhou pelo Oriente, pelas Áfricas e deitou funda e larga raiz no extremo Ocidente, da foz do Amazonas à boca do Prata. Nem é assunto de glórias, porque tudo vai manchado de sangue e escravidão que Cristo algum pôde deter. Como os outros, os portugueses iam se espalhando e espalhando tudo o que havia neles, das coisas de Deus e do diabo, inclusive sua fala.

A língua portuguesa, ainda outra, bem diferente dessa que palpita em nossa boca, nasceu n'algum lugar da Ibéria à beira mar plantado. As coisas dos homens nascem dos outros – e a língua que foi a de Camões nasceu do velho latim falado no Império Romano, uma língua que se extinguiu por volta dos anos 500 a 600 d.C. Mas sobreviveu à sua maneira. Findo o Império, as gentes que o falavam não adotaram nenhum outro idioma. Assim, nas antigas províncias romanas do Sul da Europa, um latim modificado por baixo, entre os homens rudes e as mulheres simples, foi parindo outros falares.

Lá onde Dom Henrique de Borgonha (1057-1112) comandou o Condado Portucalense, entre o Minho e Mondego, nasceu tímida a língua hoje falada por mais de 250 milhões de pessoas em quatro continentes. Naquele canto da Península os homens e as mulheres falavam uma língua que misturava as antigas falas celtas, ibéricas com o latim do Império. Não o latim cultivado de Cícero, mas o prático dos soldados e comerciantes. Daí a origem da maioria dos vocábulos da língua portuguesa, de raiz latina, porque a coisa do viver e do poder vão juntas.

O latim dito vulgar era mais forte que a douta língua de Virgílio. Ironicamente, o latim literário do Império pagão e depois cristão sobreviveria durante toda a Idade Média na Europa Ocidental como a língua oficial da Igreja cristã, a dar unidade cultural e linguística ao Ocidente. Enquanto um latim vulgar declinava, um outro, literariamente mais cultivado, ascendia como a língua eclesiástica. Aos poucos o latim superaria o grego antigo, no qual foi escrito o Novo Testamento. É certo que o latim dos clérigos influenciaria a consolidação dos modernos idiomas neolatinos, emprestando palavras e expressões eruditas a escritores e pensadores a partir dos séculos XIV, XV e XVI.

Quando os cristãos, armados de espadas e desejos de conquista, desalojaram os muçulmanos, também a língua do vencedor venceu. Mas não sem tributos. A presença moura nas Espanhas deixou marcas árabes e berberes nas línguas e nas culturas daqueles europeus de fronteira. Ainda no tempo da reconquista cristã, na Península Ibérica, predominava o romance, uma língua que misturava o latim com outras falas. Daí deriva o galaico-português que, como todas as línguas, nascem mestiças, filhas do tempo, das circunstâncias e das armas. Quando expulsos do Sul da Península Ibérica, os árabes deixaram pedaços vivos deles mesmos, nos dialetos moçárabes, que vicejavam entre os sobreviventes, até penetrarem nas línguas dos vencedores.

Os primeiros textos oficiais em português, ao menos conhecidos, remontam ao século XII. Em 1279, o rei D. Diniz, ele mesmo poeta, levou a língua das



peças comuns à condição de escrita real. Em 1290 foi criada a universidade na cidade de Lisboa, ali onde o Tejo encontra o mar, e, em 1308, foi transferida para Coimbra. A universidade, além das coisas de Deus, ou mais precisamente, de São Tomás de Aquino, assumiu a missão de organizar, defender e difundir o idioma do rei e de sua gente. O antigo reino de Portugal, no século XIV ao XVI falava um idioma jovem como o próprio Reino, sempre temeroso e vigilante quanto ao poder dos vizinhos castelhanos, católicos como eles, porém, maiores. Não é de hoje que os pequenos temem os grandes.

A gramática nasceu para inventar o que é certo e o que é errado. As gentes não têm porque se preocupar com regências, plurais, concordância e que tais. Só doutos o fazem, para gastar o tempo que lhes sobra e organizar o poder. A primeira gramática em português surgiu em 1536, da pena de Fernão de Oliveira. A segunda, em 1540, por João de Barros. Dois eruditos de Portugal. Como se pode ver, a língua de Pedro Álvares Cabral e seus homens embarcados era ainda menina-moça quanto topou com o tupi, que não estava para gramáticas.

A língua que aportou no Atlântico Sul, com os colonos de Martim Afonso, em 1532, com toda sua história, velha de guerra, nem remotamente se parece ao português que hoje se fala em Lisboa ou no Porto. Era bem outra, porque entre nós e eles há cinco séculos no meio. A língua que os colonos trouxeram foi-se enraizando no Brasil, deixando-se atravessar pelo Novo Mundo, pois não há como viver sem viver. Por óbvio que seja, convém não esquecermos que o português lusitano é tão filho da história quanto o português do Brasil. Os dois lados do mesmo português foram modificando-se pelas experiências que a vida os acumulou. As pesquisas dos linguistas, com seus documentos e métodos, como deve ser, tem-nos mostrado que o português praticado no Brasil já começou a se diferenciar do lusitano faz quatro séculos. Não fomos nós, os americanos, que mudamos a língua de outrora. Mudamos todos, porque o tempo é o mais universal e inescapável dos fenômenos.

Nos tempos coloniais conviviam muitas línguas nas terras que o rei de Portugal chamava de Estado do Brasil. No século XVI, o português enfrentou o francês no Maranhão e no Rio de Janeiro. Ao Norte, no período holandês (1630-1653), a fala lusa dos colonos conviveu com a língua dos batavos. Também duelou com o castelhano nas porosas e móveis (quase imaginárias) fronteiras coloniais, sobretudo ao Sul. E desde o começo da colonização, em todo território que hoje é o Brasil, o português de colonos e colonizadores convivia com as línguas dos indígenas de tronco tupi-guarani, além de outras 350 falas ameríndias. Nas línguas gerais, de matriz tupi, expressava-se a maioria da população, inclusive mestiços livres e até senhores brancos, sobretudo, em São Paulo de Piratininga. Nessas línguas dava-se o contato entre indígenas de diferentes nações com os portugueses e seus descendentes brasílicos. As línguas gerais funcionavam como uma espécie de *língua franca*, já pontilhada de vocábulos portugueses,

ainda indígena em quase tudo. Nossa herança tupi não se separa da história da conversão. Deixemos Gilberto Freyre falar:

No Brasil o padre serviu-se principalmente do curumim, para recolher de sua boca o material com que formou a língua tupi-guarani – o instrumento mais poderoso de intercomunicação entre as duas culturas: a do invasor e a da raça conquistada. Não somente de intercomunicação moral como comercial e material. Língua que seria, com toda a sua artificialidade, uma das bases mais sólidas da unidade do Brasil. Desde logo, e pela pressão do formidável imperialismo religioso do missionário jesuíta, pela sua tendência para uniformizar e estandardizar valores morais e materiais, o tupi-guarani aproximou entre si tribos e povos indígenas, diversos e distantes em cultura, e até inimigos de guerra, para, em seguida, aproximá-los todos do colonizador europeu. [...]. Quando mais tarde o idioma português – sempre o oficial – predominou sobre o tupi, tornando-se, ao lado deste, língua popular, já o colonizador estava impregnado de agreste influência indígena; já o seu português perdera o ranço ou a dureza do reinol.*

O português mesmo era a língua dos brancos mais abastados, reinóis e padres. E muitos dos padres, sobretudo, os mais doutos – como Anchieta e Nóbrega ou Vieira e Antonil – podiam falar em latim. Mas antes desse lastro erudito, nossa fala, como nossa história, tem uma extensão africana. No século XVI os traficantes de escravos depositaram no Brasil 100 mil homens e mulheres escravizados. No XVII foram mais 600 mil. No século XVIII, quando as Minas enriqueceram as burras do rei, foram mais de 1,3 milhão de negros escravizados. E no XIX, até meados do século, quando o nefando comércio declinou, foram tantos mais. Essa massa humana trouxe suas falas e seus ritmos que penetraram no falar dos brasileiros. Ainda é Gilberto Freyre quem nos lembra que, “*no ambiente relaxado da escravidão brasileira, as línguas africanas, sem motivos para substituírem-se à parte, em oposição a dos brancos, dissolveram-se nela; enriquecendo-a de expressivos modos de dizer*”**. Silvio Romero, apesar de empapado de teorias científico-racialistas, não deixou de notar que, nas áreas ricas de açúcar e de escravos, como na Bahia, foi “*grandíssimo número de termos de origem africana, como: batuque, cafuné, senzala, cachimbo, maracatu, quiabo,*

* FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 48ª ed. São Paulo: Global, 2000. p 219-220

** FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 416-417



*munganga, xará, calunga, mocambo, etc. (...) As alterações fonéticas são variadíssimas. As modificações sintáticas também já começam a caracterizar-se**.

Em torno do ano de 1700, na capitania de São Vicente, depois São Paulo, a maioria das pessoas falava a língua geral do Sul. Essa língua deixou sua marca no vocabulário e no modo como certas palavras são pronunciadas. Talvez por influência do geral ou ainda por outras particularidades, os velhos sertanistas de São Paulo falavam *porrrta* e *muié* e esse modo de dizer, se espalhou pelo Brasil de dentro, nem melhor nem pior. A língua foi com as bandeiras. A língua vai com a história. Em terra grande como o Brasil a história é larga e os falares variados.

Em 1757, Sebastião José de Carvalho e Melo, Secretário de Estado do Reino, depois conhecido como Marquês de Pombal, mandou expulsar os jesuítas. Entre outras razões, expulsou os padres porque pregavam a doutrina cristã nas línguas indígenas. No século XVIII, de ilustração e de razão de Estado, não podia competir com as razões de Cristo, que os inácianos pregavam. Por decreto, fez da língua portuguesa a língua oficial do Brasil. Essa coisa de decretos não move a história sozinha. Naquele século XVIII, quando o ouro brotou nas Minas, muito português das Ilhas Atlânticas e do Reino se jogaram ao mar no sonho de fortuna. E tinha muito mascate reinol no Norte, em São Paulo, em toda parte. As imposições de Pombal, mais o adensamento lusitano foram lentamente vencendo as falas indígenas. O português, na altura da Independência (1822) já tinha se imposto sobre as línguas nativas. Mas o português que venceu não foi a língua do Reino, nem dos reinóis e dos governadores. Era já a língua portuguesa do colono lusobrasílico, gente da terra, já de “sangue infecto”, embora afetasse a “pureza de sangue”. O colono vencedor, com bens de raiz, açucarocrata, já era americano de muitas gerações, embora carregasse dentro dele o colonizador (e o colonizado). A miscigenação se era biológica, era ainda mais cultural e linguística, a refletir a mistura de gentes que formaram o Brasil, não obstante a violência.

O falar dos primeiros colonizadores instalados em Olinda ou São Vicente era bem diferente dos modos lisboetas de falar, que aportaram no Rio de Janeiro com D. João VI, em 1808, de onde pode ter vindo o *S* chiado dos cariocas. Entre 1850 e 1950, o Brasil recebeu quase cinco milhões de imigrantes, a maioria de europeus, mas também asiáticos. Suas falas impactaram as regiões que os acolheram e ainda hoje ecoam em nossos ouvidos, senão mesmo em nossas almas.

Já vai distante a nossa língua da de Portugal. Mas ainda nos entendemos – e bem. Os brasileiros leem Antero de Quental e Lobo Antunes com a mesma intimidade emocional com que lemos Machado de Assis e Dalton Trevisan. O português do Brasil foi, como não podia deixar de ser, tributado por sua história. Falamos palavras indígenas, como *jururu* e *cuia*; africanas, como *bunda* e *ca-*

* ROMERO, Silvío. *História da literatura brasileira*. tomo 1. José Olympio, 1953, p. 143

funé; francesas, como paletó e matinê; inglesas, como trem e futebol; italianas, como soneto e carnaval; espanholas, como bolero e chimarrão; alemãs, como blitz e cuca; japonesas, como quimono e tatame. A língua abraçoeirou-se não apenas no vocabulário, mas no modo de dizer, na sintaxe e no som. A nossa língua é um documento vivo de tudo que o tempo imprimiu em nós. Agora demos ouvido a Mário de Andrade, o mais brasileiro dos paulistas. Ele, tão anti-República Velha e tão necessário em tempos de República decaída, de mesóclises extemporaneamente balofas. Mário, em poema oferecido a Carlos Drummond de Andrade, em 1924, soube vazar a historicidade da língua do Brasil e captar o tempo que vai nela:

Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Foi o sol que por todo o sítio imenso do Brasil
Andou marcando de moreno os brasileiros.
Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...
A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos mulatos...
Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.
Os Caramurus conspiram na sombra das mangueiras ovais.
Só o murmurejo dos cre'm-deus-padres irmanava os homens de meu país...
Duma feita os canhamboras perceberam que não tinha mais escravos,
Por causa disso muita virgem-do-rosário se perdeu...
Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta república temporã.
A gente inda não sabia se governar...
Progredir, progredimos um tiquinho
Que o progresso também é uma fatalidade...
Será o que Nosso Senhor quiser!...
Estou com desejos de desastres...
Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas
Se encostando na cangerana dos batentes...
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido
Tenho desejos de gemer e de morrer.
Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim...
Falado numa língua corumim
De palavras incertas num remeleixo melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...
Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,



O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir*.

A despeito do brasileirismo afetado de Mário de Andrade, ninguém em Portugal escreveria como ele. O português do Brasil não encheu nossa fala apenas de substratos tupi, quimbundos ou imigrantes, mas também é portador de arcaísmo e formas nascidas no país e já consagradas pelo tempo na imensa vastidão do território brasileiro prene de diversidade. São as gentes variadas do Brasil, crivadas de tempo e vivências múltiplas, que explicam a variedade regional do português brasileiro. Vá para Piracicaba (SP), depois desça para Pelotas (RS), volte para Santa Rita do Passa Quatro (MG), salte mais acima para o Crato (CE) e atravesse de volta para Lapa (PR), pule para Cametá (PA) e sentirá toda a unidade e a diversidade da nossa fala. Hierarquia pernóstica à parte, ninguém fala errado, nem pronuncia mal. São diferenças de sintaxe, de vocabulário, de ordenamentos gramaticais e de pronúncia. Mesmo entre aqueles que empregam a norma culta da língua ressoarão diferenças da mesma língua que se faz e refaz, inventando e esquecendo palavras e modos, atravessando os tempos, desde o galaico português medieval.

* ANDRADE, Mário de. "O poeta come Amendoim". In *Poesias Completas*. São Paulo: Martins Editora, 1955. p. 157-158.



FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS

NELSON FARIA DE OLIVEIRA*

Fernando Pessoa, ao lado de Luís Vaz de Camões, autor de “Os Lusíadas”, a grande obra épica de Portugal, é considerado o maior poeta da língua Portuguesa e um dos maiores da literatura universal, sendo certo que nasceu em Lisboa, em 13 de junho de 1888 e faleceu na mesma cidade no dia 30 de novembro de 1935, aos 47 anos.

Não podemos esquecer, também, da grandeza do Padre Antonio Vieira, aclamado pelo próprio Fernando Pessoa, como “o Imperador da língua Portuguesa”. O Padre Antonio Vieira foi com certeza o maior orador de Portugal e do Brasil de sua época, os seus sermões eram um espetáculo favorito da aristocracia lisboeta, mas com eles conquistou inimigos poderosos por combater a Santa Inquisição e defender os pobres, os oprimidos, as minorias, fossem eles índios, negros ou judeus, e encontrou refúgio no Brasil, notadamente na Bahia, onde faleceu em 18 de julho de 1697.

Mas voltemos a Fernando Pessoa. Inês Pedrosa assim se manifesta a respeito dele:

“A minha pátria é a língua portuguesa”, escreveu, profeticamente, Fernando Pessoa. O seu gênio expressou-se também, inúmeras vezes, em língua inglesa – mas aquele que viria a tornar-se o mais internacional dos escritores portugueses sabia que cada língua tem a sua cor, a sua luz e a sua música própria, e que a arte da escrita consiste em levar para lá dos limites convencionais os dons expressivos de cada língua. A sua primeira originalidade foi essa: a de se entregar ilimitadamente à sua língua, sem complexos de mando nem de escravo. Por isso escreveu sobre o conhecido e o desconhecido, o alto e o baixo, a estética e o comércio, a política e a astrologia. Criou uma constelação de heterônimos e semi-heterônimos – incluindo uma extraordinária Maria José – que lhe permitiram explorar, visceralmente, as mais diversas possibilidades do ser. E foi, evidentemente, um poeta inultrapassável – o tempo

* Advogado e escritor; Presidente do CIC – Centro Internacional de Cultura; Secretário Geral da CJLP – Comunidade de Juristas de Língua Portuguesa; membro da UJUCASP – União dos Juristas Católicos de São Paulo e do IDCLB – Instituto de Direito Comparado Luso Brasileiro. E-mail: fariadeoliveira@netcabo.pt

paralisa-se diante dos seus textos, sempre inscritos numa verdade futura. Semeador de papéis com um único livro publicado em vida (“Mensagem”), sonhador de impossíveis que jamais se deixou esmagar pela monótona incompreensão do seu tempo, Fernando Pessoa deixou uma obra múltipla e incisiva, que continua a surpreender-nos, a seduzir-nos e, acima de tudo, a desafiar-nos a quebrar as fronteiras do corpo e da alma, da vida e do sonho, da reflexão e dos sentimentos. Uma obra absolutamente universal.

Um poeta com uma cultura e uma inteligência fantástica, conseguia captar e transcrever para as suas obras, aspectos dos mais singelos, sensíveis e importantes da natureza humana, com características de um surrealismo fantástico.

Como dizia o crítico literário Harold Bloom, a obra de Fernando Pessoa é o grande legado da língua portuguesa ao Mundo.

Há que se destacar algumas de suas obras, sendo “Mar Português” o poema mais representativo da Conquista portuguesa. Esta sua grande conquista foi enaltecer e dar uma riqueza e um brilho todo especial à minha, à sua, à nossa língua portuguesa:

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena?
Tudo vale a pena se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa)

A obra de Fernando Pessoa está essencialmente dispersa por várias revistas e publicações ocasionais.

Um único livro publicado, que foi “Mensagem”, em 1934, foi premiado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria “Poema”.



De sua autoria, também; o *Orpheu – Revista Trimestral de Literatura* – veículo de comunicação publicado em Lisboa, em 1915, teve apenas dois números. O terceiro número foi cancelado devido a dificuldades de financiamento.

Apesar disso, a revista exerceu uma notável e duradoura influência: o seu vanguardismo inspirou movimentos literários subsequentes de renovação da literatura portuguesa. Malgrado o impacto negativo que *Orpheu* causou na crítica do seu tempo, a relevância desta revista literária advém de ter, efetivamente, introduzido em Portugal o movimento modernista, associando nesse projeto importantes nomes das letras e das artes, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros ou Santa-Rita Pintor, que ficaram conhecidos como “a geração d’Orpheu”.

Fernando Pessoa – o ortônimo do Poeta

Seguia, formalmente, os modelos da poesia tradicional portuguesa, em textos de grande suavidade rítmica e musical. Poeta introvertido e meditativo, anti-sentimental, refletia inquietações e estranhezas que questionavam os limites da realidade da sua existência e do mundo. O poema “Mensagem”, exaltação sebastiânica que se cruza com um certo desalento, uma expectativa ansiosa de ressurgimento nacional, revela uma faceta misteriosa e espiritual do poeta, manifestada também nas suas incursões pelas ciências ocultas e pelo rosa-crucianismo.

Características temáticas:

- Identidade perdida;
- Consciência do absurdo da existência;
- Tensão sinceridade/fingimento, consciência/inconsciência, sonho/realidade;
- Oposição sentir/pensar, pensamento/vontade, esperança/desilusão;
- Anti-sentimentalismo, intelectualização da emoção;
- Estados negativos: solidão, cepticismo, tédio, angústia, cansaço, desespero, frustração;
- Inquietação metafísica, dor de viver;
- Auto-análise.

Características estilísticas:

- Musicalidade: aliteraões, transportes, ritmo, rimas, tom nasal (que conotam o prolongamento da dor e do sofrimento);
- Verso geralmente curto (2 a 7 sílabas métricas);
- Predomínio da quadra e da quintilha (utilização de elementos formais tradicionais);

- Adjetivação expressiva;
- Linguagem simples, mas muito expressiva (cheia de significados escondidos);
- Pontuação emotiva;
- Comparações, metáforas originais, oxímoros (vários paradoxos – pôr lado a lado duas realidades completamente opostas);
- Uso de símbolos (por vezes tradicionais, como o rio, a água, o mar, a brisa, a fonte, as rosas, o azul; ou modernos, como o andaime ou o cais);
- É fiel à tradição poética lusitana e não longe, muitas vezes, da quadra popular;
- Utilização de vários tempos verbais, cada um com o seu significado expressivo, consoante a situação.

É do *Cancioneiro* um dos poemas mais célebres de Pessoa, “Autopsicografia”, em que reflete sobre o fazer poético:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(Fernando Pessoa)

Os heterônimos do Poeta

São concebidos como individualidades distintas da do autor, este criou-lhes uma biografia e até um horóscopo próprios. Encontram-se ligados a alguns dos problemas centrais da sua obra: a unidade ou a pluralidade do eu, a sinceridade, a noção de realidade e a estranheza da existência. Traduzem a consciência da fragmentação do eu, reduzindo o eu “real” de Pessoa a um papel que não é maior que o de qualquer um dos seus heterônimos na existência literária do



poeta. São a mentalização de certas emoções e perspectivas, a sua representação irônica. De entre os vários heterónimos de Pessoa destacam-se: **Alberto Caeiro**, **Ricardo Reis** e **Álvaro de Campos**.

1) Alberto Caeiro (1885-1915)

Caeiro era, segundo ele próprio, “*o único poeta da natureza*”, procurando viver a exterioridade das sensações e recusando a metafísica, isto é, recusando saber como eram as coisas na realidade, conhecendo-as apenas pelas sensações, pelo que pareciam ser. Era assim caracterizado pelo seu panteísmo, ou seja, adoração pela natureza e sensacionismo. Era mestre de Ricardo Reis e Álvaro de Campos, tendo-lhes ensinado esta “*filosofia do não filosofar, a aprendizagem do desaprender*”.

É “o Mestre”, inclusive do próprio Pessoa ortônimo.

Nasceu em Lisboa e aí morreu, tuberculoso, embora a maior parte da sua vida tenha decorrido numa quinta no Ribatejo, onde foram escritos quase todos os seus poemas, sendo os do último período da sua vida escritos em Lisboa, quando se encontrava já gravemente doente.

Não desempenhava qualquer profissão e era pouco instruído (teria apenas a instrução primária) e, por isso, “*escrevendo mal o português*”. Era órfão desde muito cedo e vivia de pequenos rendimentos, com uma tia-avó.

Características temáticas:

- Sensacionismo;
- Antimetafísico (recusa do conhecimento das coisas);
- Panteísmo naturalista (adoração pela natureza);
- Objectivismo.

Características estilísticas:

- Despreocupação a nível fônico;
- Pobreza lexical (linguagem simples, familiar);
- Adjetivação objetiva;
- Pontuação lógica;
- Predomínio do presente do indicativo;
- Predomínio da coordenação;
- Comparações simples e raras metáforas;
- Verso livre, métrica irregular;
- Frases simples.

O Guardador de Rebanhos

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

(Alberto Caeiro)

2) Ricardo Reis (1887-)

Apesar de ser formado em Medicina, não exercia a profissão. Dotado de convicções monárquicas, emigrou para o Brasil após a implantação da República. Caracterizava-se por ser um pagão intelectual lúcido e consciente (concebia os deuses como um ideal humano), reflectia uma moral estoico-epicurista, ou seja, limitava-se a viver o momento presente, evitando o sofrimento (“Carpe diem”) e aceitando o carácter efêmero da vida.

Nasceu no Porto, em 1887. Foi educado num colégio de Jesuítas, tendo recebido, por isso, uma educação clássica (latina). Estudou (por vontade própria) o helenismo, isto é, o conjunto das ideias e costumes da Grécia antiga (sendo Horácio o seu modelo literário). A referida formação clássica reflete-se, quer a nível formal, quer a nível dos temas por ele tratados e da própria linguagem utilizada, com um purismo que Pessoa considerava exagerado.

Características temáticas:

- Horacionismo – seguidor literário de Horácio;
- Epicurismo – procura do viver, do prazer;
- Paganismo – crença em vários deuses;
- Neoclacissismo – devido à educação clássica e aos estudos sobre Roma e Grécia antigas;



– Estoicismo – crença de que o Homem é insensível a todos os males físicos e morais.

Características estilísticas:

- Forma métrica: ode;
- Estrofes regulares em verso decassílabo alternadas ou não com hexassílabo;
- Predomínio da subordinação;
- Uso frequente do hipérbato;
- Uso frequente do gerúndio e do imperativo;
- Uso de latinismos (atro, infero, insciente);
- Metáforas, eufemismos, comparações;
- Estilo construído com muito rigor e muito denso;
- Submissão da expressão ao conteúdo: a uma ideia perfeita corresponde uma expressão perfeita;
- Verso branco;
- Recurso frequente à assonância, à rima interior e à aliteração.

Tenho Mais Almas que Uma

Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu 'screvo.

(Ricardo Reis, in “*Odes*”)

3) Álvaro de Campos (1890-)

Protótipo da defesa do modernismo, era um cultivador da energia bruta e da velocidade, da vertigem agressiva do progresso, de que a “Ode Triunfal” é um dos melhores exemplos, evoluindo depois no sentido de um tédio, de um desencanto e de um cansaço da vida, progressivos e auto-irônicos.

Representa a parte mais audaciosa a que Pessoa se permitiu, através das experiências mais “barulhentas” do futurismo português, inclusive com algumas investidas no campo da ação político-social.

Nasceu em Tavira em 1890.

Era um homem viajado. Depois de uma educação vulgar de liceu formou-se em Engenharia Mecânica e Naval na Escócia e, numas férias, fez uma viagem ao Oriente (de que resultou o poema “Opiário”). Viveu depois em Lisboa, sem exercer a sua profissão. Dedicou-se à literatura, intervindo em polémicas literárias e políticas. É da sua autoria o “Ultimatum”, manifesto contra os literatos instalados da época. Apesar dos pontos de contato entre ambos, travou com Pessoa ortônimo uma polémica aberta.

Características temáticas:

- Futurismo – corte com o passado, exprimindo em arte o dinamismo da vida moderna; o vocabulário onomatopaico pretende exaltar a modernidade;
- Pessimismo – última fase, vencidismo;
- Decadentismo – cansaço, tédio, busca de novas sensações;
- Sensacionismo – corrente literária que considera a sensação como base de toda a arte.

Características estilísticas:

- Assonâncias, onomatopeias (por vezes ousadas), aliteraões (por vezes ousadas);
- Grafismos expressivos;
- Mistura de níveis de língua;
- Enumerações excessivas, exclamações, interjeições, pontuação emotiva;
- Estrangeirismos, neologismos;
- Subordinação de fonemas;
- Construções nominais, infinitivas e gerundivas;
- Metáforas ousadas, oxímoros, personificações, hipérboles;
- Estática não aristotélica na fase futurista.
- Verso livre, em geral, muito longo;
- Desvios sintáticos.



Ode Triunfal

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

(Álvaro de Campos)

Fernando Pessoa, o Poeta

Um símbolo da língua portuguesa, reconhecido em todo o Mundo! A sua influencia se constata na música, na moda, nas artes, enfim na Cultura em geral.

Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma
para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que
é necessário é criar.

(Fernando Pessoa)

FONTES:

In *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2003, p. 203-206.

<http://www.revistabula.com/522-os-10-melhores-poemas-de-fernando-pessoa-2/>

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2246>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Pessoa